



Do lado de baixo da linha do Equador o clima esquenta quando o assunto é a separação de sexos: meninos e meninas, moças e rapazes acham que não tem a menor graça estudar sem conviver com o sexo oposto nas escolas

Escolas condenam separação de sexos

Na contramão de pesquisas que revelam os problemas de ensino nas turmas mistas, colégios militares se abrem para as mulheres

Rosa Pecorelli
Da equipe do Correio

Imagine a cena: nas escolas modernas, meninos e meninas (ou rapazes e moças) em salas separadas. Pois em alguns países, como Inglaterra e Alemanha, especialistas em pesquisas constataram que o aprendizado feminino é menor nas áreas científicas quando elas freqüentam turmas mistas. Resultado: resolveram separar a turma.

Mas não se preocupe. Do lado de baixo do Equador a temperatura esquenta quando se fala em separação. "É uma idéia horrível. Já notou como

a sala fica mais cheirosa com a presença delas?", pergunta Paulo Ribeiro Machado, 15 anos, aluno do 3º ano do segundo grau do colégio Objetivo.

"Meninos e meninas pensam, e se bem trabalhados pensam bem. A escola deve fazer uma ponte perfeita com o resto do mundo, não pode desconhecer que as pessoas vivem juntas. A arte de conviver deve ser experimentada e trabalhada para que as pessoas se entendam bem", acredita Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis, diretora do Departamento de Políticas Educacionais da Secretaria de Ensino Fundamental do MEC.

QUESTÃO DE PRECONCEITO

Análise sobre as escolas austríacas, apresentada na 44ª Conferência Internacional de Educação da Unesco, realizada em Genebra em 1994, chama a atenção para problemas da educação mista.

"A mistura comporta risco de discriminação para as mulheres", diz o documento, transrito no Relatório Mundial da Unesco sobre Educação (1995), "particularmente no que se refere ao ensino científico e técnico... porque não se fez um esforço de elaborar formas de aprendizagem mais adaptadas às necessidades das meninas".

O documento afirma que mais da metade das alunas inscritas nos cursos científicos e tecnológicos freqüentam escolas particulares não-mistas. Mas o relatório da Unesco avverte que a maior parte das meninas se volta para especializações nas

áreas de comércio e serviços por causa da facilidade de conseguir trabalho.

"Culturalmente há um preconceito de que as mulheres não estão interessadas nestas disciplinas. E muitas vezes elas são ridicularizadas por colegas e até professores. A desvalorização gera uma queda no rendimento. Mas a separação é bobagem: há outras práticas que afirmam a posição da mulher", acredita Nilza Saroldi, chefe do Departamento de Pedagogia da Universidade Santa Úrsula, do Rio.

RENDIÇÃO

Se alguns países resolveram promover a *fechadura*, os mais tradicionais institutos de ensino separado do Brasil se renderam à ala feminina: há sete anos e meio o Colégio Militar de Brasília admite garotas em seus quadros e este ano foi a vez

do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), de São Paulo.

Três moças cursam o Instituto, circulando entre 486 rapazes com desenvoltura. Uma delas está prestes a obter o 1º lugar no curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR).

Já no Colégio Militar o resultado positivo da reunião de garotos & garotas é evidente. "Não vejo nada que justifique mudar a situação. O desempenho delas é excelente. A prova disso é que no ano passado, quando a presença feminina completou seu primeiro ciclo no colégio, nosso melhor aluno foi uma jovem. E este ano também é", diz o coronel Terra, diretor da escola.

CURIOSIDADE DEMAIS

"Acho isso ridículo, uma coisa do século passado. Não ia ter a menor graça ir para o colégio e não ver nenhum me-

nino bonito. A gente vai viver num mundo só de mulheres? Tá arriscado a garota sair da escola com medo de homem ou ter uma curiosidade grande demais", observa Joana Wightman, 17 anos, 3ª série do 2º grau, sobre a separação dos alunos por sexo.

A psicóloga e coordenadora de 5ª e 8ª séries do Colégio Objetivo, Graça Guedes, acha que as turmas mistas podem prejudicar a concentração dos alunos, mas entendem que as meninas precisam dessa convivência numa fase em que a sexualidade está no auge.

"Devemos pensar no jovem como um todo, não apenas sob o ponto de vista do aprendizado escolar. A separação poderia afetar seu equilíbrio emocional e a formação de sua personalidade. Além disso, teríamos que oferecer uma escola bastante atrativa para substituir o convívio entre os sexos", afirma ela.